

ADOLESCÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE¹

Luciano de Carvalho Lírio²

RESUMO

O homem da pós-modernidade é contemporâneo do século que desenvolveu gradativamente através das suas décadas uma visão de adolescência tanto sob um aspecto negativo e patológico de delinquência, incapacidade legal e desajuste social quanto explorada e valorizada como mercado de consumo, cultura pop e parâmetro de beleza e moda. A preponderância da adolescência e da cultura juvenil na mídia criou uma cultura “adolescêntrica” que chama as crianças muito cedo para que sofram o processo de adultez precoce e convida os adultos a repetirem narrativas dos seus tempos de puberdade a fim de promover um alargamento da fase da adolescência. Encontrar uma síntese para os problemas é a ansiedade pós-moderna. Na modernidade existe um centro organizador que faz um grande acordo para definir os conceitos. Na pós-modernidade, existem centros que às vezes se relacionam, se encontram, geram outras sínteses ou não. A angústia vivida pelo adolescente é que na pós-modernidade não há resposta pronta. Ele tem que encontrar a cada momento, a cada nova situação.

Palavras-chaves: Adolescência, Contemporaneidade, Democracia, Escola.

ABSTRACT

The post-modern man is contemporary of the century that gradually developed through its decades a vision of adolescents both in a negative aspect of pathological and delinquency, legal incapacity and social misfit as exploited and valued as the consumer market, pop culture and fashion and beauty parameter. The preponderance of adolescence and youth culture in the media has created a culture of "adolescêntrica" that calls the children very early to suffering the early adulthood process and invites adults to repeat their narratives puberty times in order to promote an extension of the stage of adolescence. Finding a synthesis for the problems is the postmodern anxiety. In modernity there is an organizer that makes a great centre according to define the concepts. In post-modernity, there are centers which sometimes relate, meet, and create other summaries or not. The anguish experienced by adolescents is that in post modernity there prompts reply. He has to find every moment, every new situation.

Keywords: Adolescence, Contemporary, Democracy, School.

¹ O artigo é resultado da elaboração da monografia *Adolescer em Tempo de Pós-Modernidade*, sob a orientação da professora Gisela I. W. Streck.

² Bacharel em Teologia (SETECERJ); Licenciado em História (UERJ); especialista em História Moderna (UFF); atualmente Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia (EST), com o apoio CAPES – Brasil, contatos : lucianomission@yahoo.com.br

Adolescências que nos escapam

Pela primeira vez na história da humanidade ser jovem é mais importante que ser rico, pois a partir do momento que o homem vê a decadência física como um fim, ele começa a disfarçar a velhice.

O século XXI herda essa valorização da beleza juvenil ao ponto de reproduzi-la artificialmente por meio de intervenções cirúrgicas e tratamentos estéticos, não que o cuidado com a beleza seja um apanágio das civilizações modernas, pois desde a antiguidade existem vestígios de artifícios utilizados pelo homem para alimentar a sua vaidade.

A pós – modernidade marca o fim da infância e da adolescência ingênua, aquela adolescência protegida e controlada pelos pais e autoridades e o início da infância da multimídia e das novas tecnologias com desempenho máximo.

Se no início do século, as crianças e jovens acompanhavam atônicos um aparelho que emitia sons através das ondas do rádio e as gerações seguintes foram se condicionando no papel de espectadores da televisão e do cinema, atualmente os adolescentes sentem a necessidade de estarem interagindo com o celular, o computador e os games, artigos que tem nesse segmento etário as suas funcionalidades básicas passadas à categoria de secundárias. Não basta assistir é necessário demonstrar seu desempenho.

Há os videogames [...] que evoluem de pontos de vista objetificados até os cada vez mais participativos. Passam de histórias contadas ou observadas a histórias vividas. O mundo é gerado pelos comandos à medida que andamos por ele. Em alguns jogos, pode-se ver o cenário sendo rederizado (ter um acabamento com cor sombra e textura) à medida que se aproxima.³

Essa familiaridade com o mundo da alta tecnologia representa o fim do domínio total dos pais, que vivem um momento de crise. São adolescentes super ativos virtualmente e hiper – estimulados com gigabits de informações que eles não conseguem digerir e transformar em conhecimento na mesma velocidade que as recebem. Crianças e adolescentes chegam às lojas decididas do que querem levar e não aceitam a opinião dos pais.

³ DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 107.

Os pais vivem momentos de frustração, solidão e angústia por não dominarem mais a mente e o universo dos seus filhos. Há uma multiplicidade de opções: falar e interagir com quem quiser, em qualquer local do mundo, a qualquer hora, para satisfazer a qualquer desejo. Os pais se sentem fragilizados, pois não sabem o quanto aquele membro da família sabe. Os pais deixam de serem os detentores últimos da fonte do conhecimento do saber familiar: a memória.

A consciência na família é ditada pela mídia e estrutura familiar centralizada na figura dos pais é deslocada para os filhos ou o filho, uma vez que prover tecnologia para um número reduzido de filhos é economicamente mais viável que uma prole mais numerosa. O adolescente monta o seu quarto, escritório dispondo de recursos que os seus pais e avós só acompanhavam em filmes de ficção científica.

Essa consciência está corrompida pelo consumismo que produz adolescentes consumidores. Grandes empresas buscam especialistas para elaborarem comerciais e embalagens que despertem nas crianças, nos adolescentes e jovens o desejo de consumir. Consumir como uma forma de poder; um modo ou estilo de auto-subjetivação de governo de si. É um fim em si mesmo. Passa a consumir não apenas o objeto. Também o que ele pode representar: status, conforto, desejos, saber, poder.

Os brinquedos industrializados tornaram-se uma mercadoria tão forte quanto tantas outras na economia de mercado. Temos em nossas crianças um consumidor em formação, e a mídia tem se aproveitado disso com um forte apelo à afetividade, à aventura e ao poder.⁴

A maturidade está sendo postergada porque a juventude e a infância vendem, consomem, abrem mercados. Juventude é um produto. Ser adolescente é um parâmetro atual, é uma virtude. Esses adolescentes vêm sendo cooptados tanto pela política, pelo mercado quanto por grupos fundamentalistas e pela mídia. Quem decide as coisas em casa são os adolescentes. Eles é que ditam os acessórios, a programação, as atividades e os períodos de lazer da família.

Os adultos desenvolveram certo sentimento de medo, porque essa adolescência escapa e não sabe governá-la. Os adolescentes são vistos como anormais por muitos pais e professores. Ele se tranca no quarto e passa horas

⁴ DORNELLES, 2005, p.107.

diante da tela do computador não porque deseja fugir do mundo que o cerca, mas para fazer parte do mundo a partir da janela/tela do computador. É diante do computador que ele se inventa e reinventa no ciberespaço, de maneira infinita.

Ele considera obsoleto e desnecessário tudo aquilo que foi criado ou lançado antes da era da informática, logo os brinquedos fabricados pelas gerações passadas são 'feios' e desinteressantes. O importante é acompanhar, interagir com o novo.

Em um intervalo de vinte anos em média, um adolescente pôde adquirir para uso doméstico o que um profissional liberal só tinha acesso no local de trabalho e de maneira limitada há menos de duas décadas.

A internet e a informatização quebraram o conceito da modernidade em que o conhecimento era assimilado por etapas e adquirido gradativamente. Com o advento do Google volta a fase em que o conhecimento se dá como defendiam os místicos; instantaneamente, por revelação, só que agora on-line.

É necessário pensar essa adolescência pós-moderna: no que ela nos incita; perturba-nos; marca-nos; atormenta-nos; nos cativa! É uma infância e uma adolescência diferentes das que tivemos. Esse adolescente/criança tem um quarto/*lanhouse* globalizado, espaço informatizado, cheio de argúcias! É o escritório / dormitório atual da criança e do adolescente na contemporaneidade. É uma infância "condenada a uma obsolescência acelerada."⁵

Mas existe a adolescência periférica que sobrevive sem o adulto não porque está madura, mas porque foi privada do afeto familiar. É a adolescência ninja, segundo Dornelles que recebe este nome porque está ali, mas ninguém quer ver. É uma adolescência abortada, cheia de recalques que extravasam na liberação da libido. Esses também são afetados pelo consumismo na tentativa de se igualar aos demais adolescentes. Ou seja, pelo consumo ficam iguais.

⁵ BAUDRILLARD, 1997 apud DORNELLES, 2005, p.95.

Realidades contemporâneas da adolescência na escola

Existe um aumento nos estudos e pesquisas que se propõem a analisar a relação dos jovens e suas escolas. Nesse aparato, a categoria que mais desperta curiosidade é a do aluno.

Na realidade brasileira, a vulnerabilidade pessoal e social é múltipla. Embora os resultados quantitativos demonstrem uma melhoria relativa nos índices de escolaridade no país e se reconheça os avanços que o Brasil tem conquistado em números percentuais, as disparidades entre idade e série, falta de oportunidades de vagas nas melhores instituições e cursos, ausência das camadas populares em cursos mais disputados ainda cria um hiato no processo de inserção social na formação de muitos jovens brasileiros.

Luiz Gonzaga Belluzo, contrariando a teoria do capital humano, defende o inverso brasileiro: “Os pobres não são pobres porque não tem educação de qualidade, mas exatamente por serem pobres não tem educação de qualidade”.⁶

As práticas escolares inclusivas adotadas no Brasil ainda carregam contradições, pois a expansão quantitativa sob a ótica neoliberal reproduz um discurso demagógico e assistencialista que sob um manto que se diz democrático e inclusivo engloba as identidades e diferenças presentes na sociedade sem compreendê-las, apenas aceitando-as. Em poucas palavras, reconhecer a diversidade é pouco. Nesse aspecto, a pedagogia pode fazer algo de novo, reconhecendo a identidade e a diferença como produtos, conceitos construídos.

Atualmente no país, o multiculturalismo caiu no consenso da tolerância e o respeito com a diversidade cultural, um perigo na opinião de Stuart Hall:

A tolerância e o respeito impedem que vejamos a identidade e a diferença como processos que envolvem relações de poder. Identidade e diferença não são entidades preexistentes; não estão aí desde sempre e não são elementos passivos da cultura.⁷

⁶ PEREGRINO, Mônica; CARRANO, Paulo. *Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença*. In: A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões. Ação Educativa. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 14.

⁷ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. DP & A Editora, 2000.p. 53.

Com as mudanças ocorridas na década de 90 no século XX, manifestações culturais regaladas à periferia do terceiro mundo entraram no mercado consumidor, redefinindo o cenário educacional com práticas mais pautadas na subjetividade dos indivíduos do que na hierarquia das instituições.

Os adolescentes da virada do século construíram e se apropriaram de territórios, espaços e lugares, redefinindo-os em detrimento daqueles locais sacramentalizados pelas gerações passadas como centros de engajamento e compartilhamento ideológico.

Os adolescentes e jovens de hoje estão mais interessados em se envolver com: Ações voluntárias de solidariedade; Movimentos políticos instantâneos; Grupos artísticos e esportivos; Segmentos religiosos locais; Ações coletivas novas; Redes Sociais virtuais; ONGs. Eles estão menos interessados em se sindicalizar; se engajar ideologicamente com Partidos Políticos; se filiar as Agremiações estudantis, Instituições pouco flexíveis e a Hierarquias religiosas rígidas.

É Preciso pensar em práticas de aprendizagem que acontecem na construção das próprias identidades pelos grupos. Pois se não o professor continuará apresentando um mundo ao aluno que ele não conhece e por isso não consegue criar vínculos e o mestre por sua vez vai perdendo gradativamente a sua afetividade com o trabalho de ensinar e torna a escola tanto para o aluno quanto para si própria um lugar desinteressante.

Para José Machado Pais, o espaço escolar pode ser visto como desinteressante pelos jovens por não saber conciliar os espaços lisos (moratória da adolescência) e os espaços estriados (ordem e controle)⁸. Esse espaço escolar não deve ser organizado de maneira tradicional com o objetivo de passar conteúdo, nem pode ser analisado de maneira tecnicista, empobrecido e engessado por apostilas, que por si só já representam um emagrecimento dos livros didáticos com o único objetivo de lograr aprovação no vestibular e nos concursos.

A postura do educador deve ser progressiva, atualizando a sua postura, mantendo-se sempre apto para criticar, distinguir e até rechaçar aquilo que possa ser fruto de conceitos pré-estabelecidos, opiniões coletivas ou pacotes de idéias.

⁸ PEREGRINO, 2003, p. 16.

Uma reflexão: Transformamos a escola, ameaçando com isso as relações sociais? Ou silenciemos a juventude, negando os jovens como sujeitos possuidores de culturas próprias?⁹

Democratização das relações pedagógicas

Para analisar a democratização das relações pedagógicas, é importante discutir o embaralhamento da fronteira entre o espaço público e o espaço privado e o fio condutor para essa conversa é a relação entre a escola e a cidadania.

Há um paradoxo nessa questão, pois enquanto estamos vivendo uma era de grave e perigoso declínio do espaço público é quando mais se fala de cidadania. No Terceiro Mundo quando ocorre a institucionalização de um movimento acontece a perda da crença e da força inicial.

A institucionalização discursiva só se tornou possível porque a educação e a cidadania têm entre si uma relação insegura e imprecisa. A necessidade de estabelecer uma relação conservadora, sem conservadorismos entre escola e cidadania, pois as fronteiras entre o público e privado e entre o adulto e a criança encontram-se desgastadas.

A cidadania no Brasil é essencialmente social e ainda derivada e circunscrita ao âmbito da pura necessidade. No nosso país a cidadania continua sendo vista como meio de resolução de questões sociais ligadas às necessidades e como sinal de luta contra um Estado e uma sociedade desiguais e excludentes.

Na atualidade, os problemas relativos à cidadania deixaram de ser exclusivos dos países emergentes e pobres. Por exemplo, na França encontramos o conceito/ condição *Cidadão – aluno* e nesse país foi desenvolvida a *escola dos deserdados* na tentativa de atribuir à escola uma tarefa primordial na recuperação da visibilidade civil de seus membros, reatando os laços do tecido social.¹⁰

A educação no Brasil passou por vários momentos. A partir da década de 1950 o modelo de educação, em especial nas áreas humanas passou a ser discutível. Esse questionamento se deu, sobretudo, motivado pelas

⁹ PEREGRINO, 2003, p. 20.

¹⁰ BRAYNER, Flávio. Da criança-cidadã ao fim da infância. *Educação & Sociedade*, ano XXII, n. 76, out. 2001. p. 199.

transformações econômicas, políticas e sociais promovidas pela expansão do capitalismo, da Guerra Fria e das crises mundiais provocadas pelas duas grandes guerras. Era um momento de novas relações sociais e de maior complexidade dos acontecimentos.

Aqui no Brasil, a geografia e a história ufanista e descritiva não conseguiam explicar o espaço carregado pelas contradições sociais. Durante a década de 50 no Brasil, o ensino deixa de ser privilégio exclusivo das elites. A popularização da escola trouxe novas perspectivas e horizontes para o ensino.

Porém isso não trouxe a igualdade entre as camadas sociais. Os mais pobres continuaram tendo acesso limitado à escola, devido à falta de estrutura do Brasil de então. Desse modo, ainda que bem intencionada, a Escola não conseguiu amenizar as distâncias sociais e continuou a reproduzir as desigualdades.

Nesse período surge a Escola Nova em que o professor assume o papel de orientador ao invés de ser apenas um transmissor de conhecimento, ensinando assim os alunos a *aprender a aprender*, promovendo acirrados debates sobre a metodologia de ensino. A revolução foi que o aluno passou a ser considerado o *sujeito da aprendizagem*.

Mas como o ensino ainda era considerado algo dispendioso para os governantes, novamente as camadas menos favorecidas ficavam limitadas à tentativa de compreensão do espaço por meio da memorização e da descrição.

Nos anos 60 e 70, houve a expansão do sistema educacional aos menos favorecidos. Nos anos 80 e 90, ocorreu o debate sobre a qualidade de ensino. Na atualidade, o alerta direciona-se para uma dívida pública que é a inadimplência de república em oferecer as bases e os instrumentos que permitiriam a todo o cidadão de realizar os seus projetos no âmbito social (se tornar visível). Incluir não é o mesmo que integrar.

Quando se fala de *aluno - cidadão*, se almeja um grupo específico e corremos o risco de ignorar outros segmentos da sociedade. Precisa também educar as autoridades para agir e se relacionar com o outro no universo público.

O adolescente pós-moderno experimenta assim como toda a sociedade uma espécie de voyeurismo social onde ele acompanha através dos realites shows: superexposição mediática da intimidade; hábito de consumo de egos postigos; desvestimento público; desinteresse civil e o hiperindividualismo.

Diante desse apagamento de fronteiras que antes se referiam apenas a separação do adulto da criança no adolescente, na atualidade também inclui as fronteiras sociais, familiares, geopolíticas e econômicas, promovendo em muitos adolescentes o fortalecimento de reações contrárias à globalização como; localismos identitários, radicalismo de pertencimento étnico e fundamentalismos.

Joshua Meyrowitz¹¹, fala do fim da infância, porque nos últimos quarenta anos passamos de uma cultura livresca para uma cultura televisiva. A infância enquanto período de vida protegida e ao abrigo das preocupações praticamente desapareceu. Concordo com Meyrowitz quando ele afirma que os atuais meios de informação alteram as condições de socialização.¹²

A adolescência pós-moderna vive a fusão da idade adulta com a infância. Inversões de situações e papéis que diferenciavam o mundo adulto do universo infantil: código vestimentário; jogos eletrônicos; linguagem e no Direito.

O cenário atual é uma mistura de liberação com aberração. A escola não é uma praça pública. Não é um espaço democrático, pois não permite um princípio de: rodízio, representatividade e poder como lugar vazio. É necessário abandonar os mitos criados em torno da educação e da cidadania, pois todos os discursos do Estado são mitos.

Considerações Finais

O adolescente é convidado a vivenciar a realidade artificial que mais lhe convêm, seja tradicional, liberal ou híbrida. Pois nesses tempos de modernidade tardia, tudo é fundado para o bem estar moderno, até quando se percebe a ausência dele. O indivíduo vende e troca a sua consciência pelo meio em que está. As relações não apenas se interferem, mas se constituem.

A verdadeira escola emancipatória é aquela que não dissolve a autoridade do professor e o transforma num simples interlocutor ou alguém a serviço dos interesses (difusos, manipuláveis e instáveis) dos alunos. Não devemos falar de escola democrática apenas sob a perspectiva de um local onde as pessoas têm a oportunidade de se expressar, por que a democracia é o regime onde o poder é

¹¹ BRAYNER, 2001, p. 203.

¹² BRAYNER, 2001, p. 203.

um lugar virtualmente vazio, que não é ocupado por ninguém exclusivamente “Ela não é o povo no lugar do príncipe, mas o fim de todos os príncipes”.¹³

Referências

BRAYNER, Flávio. Da criança-cidadã ao fim da infância. *Educação & Sociedade*, ano XXII, n. 76, p. 197-211, out. 2001.

DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 24-69; 71-102.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. DP & A Editora, 2000.

_____. *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PEREGRINO, Mônica; CARRANO, Paulo. *Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença*. In: *A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões*. Ação Educativa. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 12-21

¹³ BRAYNER, 2001, p. 210.